

FALSOS COGNATOS, FALSOS AMIGOS OU COGNATOS ENGANOSOS? DESFAZENDO A CONFUSÃO TEÓRICA ATRAVÉS DA PRÁTICA

Marilei Amadeu SABINO¹

- RESUMO: O objetivo deste trabalho é, primeiramente, apresentar algumas discussões referentes aos termos “**falsos cognatos**”, “**falsos amigos**” e “**cognatos enganosos**”. Em um segundo momento, após concluirmos que os termos “falsos cognatos” e “cognatos enganosos” referem-se a dois fenômenos lingüísticos diferentes, propomos definições distintas para cada um deles, ilustrando com exemplos da prática, baseados na Teoria dos Conjuntos Matemáticos.
- PALAVRAS-CHAVE: Falsos cognatos; falsos amigos; cognatos enganosos; dicionários bilíngües; tradução.

Introdução

Por meio da literatura sobre os **falsos cognatos**, percebemos que não havia uma conceituação teórica do termo que fosse livre de contradições e a compreensão do que realmente são vocábulos **falsos cognatos** parece ainda ser bastante confusa. Geralmente as expressões **falsos cognatos** e **falsos amigos** são consideradas sinônimas e por isso são utilizadas para designarem um mesmo fenômeno lingüístico.

Constatamos que não havia uma definição adequada e que fosse de aceitação unânime sobre essa questão. Por um lado, havia quem se baseava na etimologia para identificar um “**falso cognato**” (RÓNAI, 1983), aqueles que desconsideravam a importância de sua origem e outros autores que, ao classificarem vocábulos como “**falsos cognatos**”, incluíam, em sua definição, tanto os vocábulos com etimologia comum, quanto aqueles sem etimologia comum (XATARA; OLIVEIRA, 1995).

¹ UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. Endereço eletrônico: amadeusm@ibilce.unesp.br

Se partirmos da etimologia do vocábulo **cognato**, constatamos que este originou-se do latim *cognatu(m)* que é a junção de *cum* (= **com**) e *natus* (= **nato**), significando, portanto, **nascido junto, consangüíneo**. Sendo assim, não poderiam ser consideradas cognatas, palavras de origens diferentes.

Em busca de desfazer alguns equívocos, partimos das definições encontradas no verbete **falso** em dois dicionários: no dicionário de Aurélio B. de H. Ferreira (1999) e no de Koogan e Houaiss (1999).

Falso (adj.)

1. contrário à realidade (*não verdadeiro, contrário à verdade*).
2. em que há mentira, fingimento, dissimulação (*simulado*).
3. fingido, **enganoso**, fictício (*suposto*).
4. **desleal, pérfido, traiçoeiro** (*traidor*).
5. sem fundamento, infundado.
6. errado, inexato.
7. falsificado.
8. aparente.
9. feito à semelhança ou imitação do verdadeiro (*imitado, postição*).

Verifica-se que, das nove acepções de sentido contidas no verbete **falso**, a grande maioria remete a algo que seja: não-verdadeiro (= falsificado), dissimulado, fictício (suposto), sem fundamento (infundado), errado (inexato), aparente, imitado. Dessa forma, atribuir o nome de cognatos não-verdadeiros, falsificados, fictícios, infundados, errados, inexatos ou aparentes a vocábulos de duas línguas diferentes, que tiveram origem comum (cognatos), mas que por evoluções semânticas divergentes resultaram em significados diferentes, seria tão incoerente quanto afirmar, por exemplo, que dois irmãos, filhos de um mesmo casal, por possuírem fisionomias distintas, não são filhos legítimos de uma mesma mãe. Por isso, atribuir a esses vocábulos o nome de **falsos cognatos** não parece ser uma designação lógica e racional.

Dentre os sentidos do item lexical **falso** que apresentamos, aqueles que caberiam para designar esse tipo de cognatos em apreço seriam, no máximo, os de **enganoso, traiçoeiro, desleal e pérfido (= infiel)**. Nesse sentido, poderíamos dizer que tais vocábulos, originariamente nascidos juntos, e que formalmente se assemelham, mas, que por evoluções semânticas diferentes assumiram alguns significados distintos, só poderiam ser chamados de **falsos cognatos** desde que **falso**, nesse caso, seja entendido exclusivamente como “enganoso, traiçoeiro, infiel”, ou seja, cognatos enganosos ou traiçoeiros, dados os sentidos diferentes que ambos os termos ou um só deles passaram a ter, vistos diacronicamente, ou ainda, cognatos infieis quanto aos sentidos que ambos possuíam em sua origem.

Afora essa interpretação, acreditamos que qualquer outra seria ilógica e irracional e por essa polissemia do vocábulo **falso** – que pode induzir a

interpretações ambíguas – acreditamos que a expressão **falso cognato** tenha sido mal cunhada. Concluindo, diríamos que essa expressão é perfeitamente aceitável somente para aqueles vocábulos que não possuem origem comum, mas que são formalmente semelhantes, podendo induzir a erros de interpretação de sentidos.

Um outro termo também bastante difundido na literatura voltada ao ensino de línguas estrangeiras e que é considerado, pela grande maioria dos estudiosos de línguas, como sinônimo de **falsos cognatos**, é o termo **falsos amigos**. Muitos autores reconhecem Koessler e Derocquigny (1928)² como tendo sido os primeiros a usarem o termo **falsos amigos** (faux-amis). A esse respeito, Prado (1989, p.721) traz a seguinte citação:

Desde que Maxime Koessler y Jules Derocquigny publicaron Les Faux Amis en 1928, la expresión “falsos amigos” se ha usado para denominar los vocablos de dos lenguas que son iguales o muy similares, pero que difieren, a veces considerablemente, en significado o uso. Estos falsos amigos son sumamente traicioneros porque a primera vista parecen ser una gran ayuda por la similitud ortográfica, pero en realidad hacen más ardua la tarea de maestros, estudiantes y traductores.

Segundo Campenhoudt (19--), o termo **falsos amigos** (faux-amis) não aparece nos grandes dicionários do francês contemporâneo, com exceção do *Trésor de la langue française* e do *Nouveau Petit Robert* (1993). Para ele, esse termo, que é próprio da Lingüística aplicada ao ensino das línguas, é particularmente utilizado na aprendizagem do inglês pelos falantes de francês ou do francês pelos falantes de inglês.

Constatamos, ainda, que esse termo tampouco é registrado no dicionário da língua portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999).

Para Campenhoudt (19--), contrariamente ao que se acredita, a designação **false friends** é que é um decalque do francês. Para ele, os lingüistas de fala inglesa recorrem, às vezes, ao empréstimo puro e simples da forma **faux-amis**, sendo que os mais puristas preferem o termo **false cognate** ou **deceptive cognate**.³ Acreditamos, todavia, que o termo **deceptive cognates** (cognatos enganadores) possa ser uma boa alternativa para escaparmos da polissemia de

² Prado (1989) apresenta a seguinte referência: KOESSLER e DEROCQUIGNY. *Les faux-amis ou les trahisons du vocabulaire anglais*. Vuibert, 1928. Mascherpe e Zamarin (1980), por outro lado, apresentam a referência da edição de 1949: KOESSLER e DEROCQUIGNY. *Les faux-amis ou les pièges du vocabulaire anglais*. Paris: LibrairieVuibert, 1949. Santos (1980, p.xx) diz que o livro foi reeditado cinco vezes até 1964 e apresenta a referência da edição de 1975, de autoria apenas de Koessler. A referência dessa última edição é: KOESSLER, M. *Les faux amis des vocabulaires anglais et américain*: nouvelle édition refondue e augmenté. Paris: LibrairieVuibert, 1975.

³ Campenhoudt assinala que Robert et Collins (1990, p.296) prevêem igualmente a designação **deceptive cognates**: Robert-Collins dictionnaire français-anglais, anglais-français. Paris: Le Robert, 1990.

“false”, no caso de *false cognates*, bem como de termos de atribuir um sentido conotativo ao vocábulo “**friends**” (“amigos”), no caso de *false friends*.

Essa confusão no uso dos termos **falsos cognatos** e **falsos amigos** parece ser devida, em parte, ao fato de a primeira obra sobre o assunto ter sido publicada em francês, com o título de *Les faux-amis*, como já mencionamos. Supõe-se que, a partir disso – como já disse Campenhoudt, citado anteriormente –, o termo francês *faux-amis* começou a ser decalcado em outras línguas, inclusive no português, língua em que recebeu o nome de *falsos amigos*.

Nas palavras dos autores que definiram o termo pela primeira vez (Koessler e Derocquigny), os **faux-amis** (*falsos amigos*) designam *palavras de etimologia e de formas semelhantes, mas de sentidos parcialmente ou totalmente diferentes* (tradução nossa). Como a etimologia se refere à origem das palavras e considerando que as palavras que têm a mesma etimologia são **cognatas** (ou nascidas juntas), provavelmente seja essa uma possível resposta para o fato de posteriormente se atribuir o nome de **falsos cognatos** às palavras semelhantes na forma mas diferentes quanto aos sentidos. Essa expressão foi difundida em diversas línguas e é talvez por isso que os termos *falsos amigos* e *falsos cognatos* sejam hoje considerados por muitos como sinônimos e designadores de um mesmo fenômeno ou processo.

Pelas considerações que fizemos, até agora, acreditamos ter deixado evidente que não classificamos os dois termos como sinônimos um do outro, tampouco admitimos que designem um mesmo fenômeno.

Temos, por um lado, a expressão *falsos amigos* (*faux-amis*), na qual o item lexical *amigo* – que pode apresentar vários sentidos conotativos – nos leva a atribuir um sentido metafórico a ele. Por outro lado, na expressão *falsos cognatos*, embora o item *cognato* não possua entrelaçamentos da semântica conotativa, ela pode gerar sérios problemas de interpretação, causados tanto pela polissemia do termo *falso*,⁴ como já discutimos anteriormente, quanto pelo próprio vocábulo **cognato**, que faz referência à história da língua.

Alguns autores de obras sobre **falsos cognatos**, **falsos amigos** ou similares, embora não apresentem uma distinção clara entre esses dois vocábulos em questão, parecem ter consciência de que não se referem ao mesmo fenômeno e evidenciam esse fato não fazendo uso desses termos indiscriminadamente.

Provavelmente por sentir que **falsos cognatos** e **falsos amigos** não designam um mesmo processo, Downes (1984), na introdução de seu livro *Palavras amigas-*

⁴ Santos (1981, p.xviii-xx), ao declarar que a expressão **faux amis du traducteur** foi criada por Maxime Koessler e Jules Derocquigny, em 1928, quando lançaram o livro *Les faux amis ou les pièges du vocabulaire anglais*, afirma acreditar que **falso amigo** não é uma expressão simpática *não por designar algo a evitar ou traiçoeiro, mas por ser decalque infeliz de uma expressão figée francesa que ficou falsa ou artificial em português*. Por isso, a bem da precisão e clareza, prefere usar, em sua obra, a expressão **cognato traiçoeiro** ou **cognato enganador**.

da-onça: a vocabulary of false friends in English and Portuguese, deixa evidente a sua preferência pela expressão “*palavras amigas-da-onça*”, muito mais do que por **falsos amigos (false friends)** ou por **falsos cognatos (false cognates)**. Para ele, a expressão *palavras amigas-da-onça* é muito mais adequada, uma vez que se refere não exatamente a um amigo traiçoeiro que nos engana, mas a alguém que, tentando ser-nos útil, torna a nossa tarefa mais difícil. Desse modo, essa confusão teórica obviamente reflete-se também na prática. Geralmente as obras publicadas e disponíveis no mercado, intituladas como sendo de **falsos cognatos**, arrolam, indiscriminadamente, tanto os vocábulos que têm etimologia comum, quanto aqueles originários de étimos diferentes, agrupando, portanto, todos eles sob o rótulo de **falsos cognatos**. O que acontece, na verdade, é que muitas dessas unidades lexicais são verdadeiros cognatos e atribuir-lhes o nome de **falsos cognatos** não parece ser sensato.

Essas unidades lexicais, muitas vezes, representam problemas quando se contrastam duas ou mais línguas distintas – sobretudo as neolatinas – pelo fato de, por serem pertencentes a línguas irmãs e possuírem grande semelhança entre si, poderem induzir o falante a uma decodificação errônea. E é essa enorme familiaridade entre essas línguas o fator principal que induz ao erro, tanto o aprendiz desavisado, quanto até mesmo aquele mais experiente.

Após essas considerações, definir mais adequadamente o que são **falsos cognatos** e o que são **cognatos enganosos** torna-se imprescindível.

Definições de falsos cognatos e de cognatos enganosos

Como já dissemos anteriormente, não consideramos esses dois termos sinônimos, nem admitimos que designem um mesmo fenômeno. Assim sendo, propomos as seguintes definições para **falsos cognatos** e **cognatos enganosos**:

- a) **Cognatos enganosos** são unidades lexicais de duas (ou mais) línguas distintas que, por serem provenientes de um mesmo étimo, são ortográfica e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, mas que por terem sofrido evoluções semânticas diferentes, possuem sentidos diferentes. Essas mudanças podem ter acontecido em apenas uma das línguas, ou nas duas. Sendo assim, é possível que ambas ainda conservem traços semânticos comuns, ou ainda, que os sentidos originariamente apresentados por esses pares de unidades lexicais tenham se distanciado tanto, em ambas as línguas – tornando-se, por vezes, até antagônicos – a ponto de não parecerem ser vocábulos cognatos.

Alistamos, abaixo, exemplos de **cognatos enganosos**, nas línguas portuguesa e inglesa:

VOCÁBULO	TRADUÇÃO	ETIMOLOGIA COMUM
Attend (Ingl.)	frequentar (escola), assistir (a aulas)	[L. <i>attendere</i>]
Atender (Port.)	dar atenção a, prestar auxílio a	
Expert (Ingl.)	perito	[L. <i>expertu(m)</i>]
Esperto (Port.)	espertalhão, inteligente	
Fabric (Ingl.)	tecido, pano	[L. <i>fabrica</i>]
Fábrica (Port.)	estabelecimento industrial	
Intend (Ingl.)	pretender, tencionar	[L. <i>intendere</i>]
Entender (Port.)	compreender	
Pretend (Ingl.)	fingir	[L. <i>praetendere</i>]
Pretender (Port.)	aspirar a, planejar, tencionar	
Push (Ingl.)	empurrar	[L. <i>pulsare</i>]
Puxar (Port.)	tirar, arrancar	

Quadro 1 – Vocábulos considerados **cognatos enganosos**, no confronto do português com o inglês

Com relação aos **falsos cognatos**, atribuímo-lhes a seguinte definição:

- b) **Falsos cognatos** são unidades lexicais pertencentes a duas (ou mais) línguas distintas que, apesar de serem provenientes de étimos diferentes resultaram – em consequência das evoluções fonéticas que sofreram, ao longo do tempo – em unidades lexicais ortográfica e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, embora seus valores semânticos sejam bastante distintos.

Alguns exemplos desses pares de vocábulos são:

VOCÁBULO	TRADUÇÃO	ETIMOLOGIA (Oxford, 1992.)
Bald (Ingl.)	careca, calvo	[do Ing. <i>balde/belde/ballede</i> , p.p. <i>ball</i> (ficar redondo como uma bola, como quando o cabelo é removido)]
Balde (Port.)	recipiente	[de origem controversa]
Bravo (Ingl.)	muito bem!	[do It. <i>bravo</i> , “well done” (muito bem)]
Bravo (Port.)	furioso, irado	[do L. <i>barbaru</i>]
Contest (Ingl.)	competição	[do L. <i>contestari</i>]
Contexto (Port.)	encadeamento das idéias de um escrito	[do L. <i>contextu</i>]
Cute (Ingl.)	gracioso	[do L. <i>acutus</i> , “sharp” (agudo)]
Cute (Port.)	pele, tez	[do L. <i>cute</i> , “cutis” (pele)]
Moisture (Ingl.)	umidade	[do Fr. <i>moisteur</i> , de <i>moiste</i>]

Mistura (Port.)	mescla, amálgama	[do L. <i>mixtura</i>]
Policy (Ingl.)	orientação política; apólice	[do L. <i>apodixa</i> , do Gr. <i>apodeixis</i>]
Polícia (Port.)	corporação incumbida de fazer respeitar leis e regras	[do L. <i>politia</i> , do Gr. <i>politeia</i>]
Pull (Ingl.)	puxar	[do Anglo-Saxão <i>pullian</i>]
Pular (Port.)	saltar	[do L. <i>pullare</i>]

Quadro 2 – Vocábulo considerados **falsos cognatos**, no confronto do português com o inglês

Em seguida, com base na Teoria dos Conjuntos Matemáticos, elaboramos alguns subsídios teórico-práticos que possam servir para classificar mais precisamente essas unidades lexicais nomeadas ora de **falsos cognatos**, ora de **cognatos enganosos**.

Relações de oposição

Pais (2001), em sua obra *Introdução à fonologia*, utiliza-se desse modelo ao opor os códigos lingüísticos de dois indivíduos de um mesmo grupo. Para isso, o autor estabelece quatro tipos de relações de oposição, usando a seguinte nomenclatura: 1. *Relação de oposição de identidade*; 2. *Relação de oposição transitiva*; 3. *Relação de oposição inclusiva*; 4. *Relação de oposição disjuntiva*. A partir disso, propusemos a aplicação desse modelo para a identificação dos **falsos cognatos** e **cognatos enganosos**, tomando como base a Teoria dos Conjuntos Matemáticos, juntamente com a nomenclatura utilizada por Pais, e obtivemos os seguintes resultados:

1. Relação de igualdade (conjuntos iguais) ou Relação de oposição de identidade

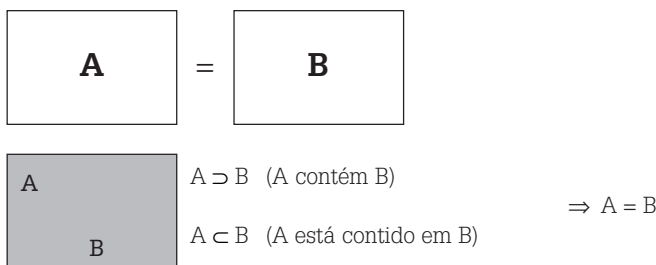


Figura 1 – Representação de unidades lexicais, de duas línguas distintas (A e B), que possuem sentidos iguais

2. **Intersecção entre conjuntos** ou **Relação de oposição transitiva**

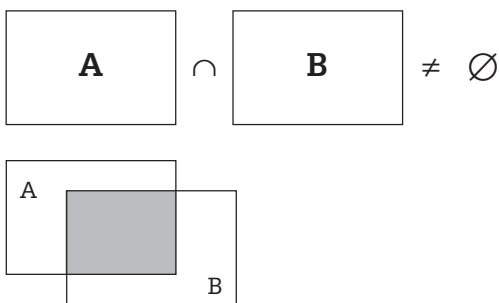


Figura 2 – Representação de unidades lexicais, de duas línguas distintas (A e B), que possuem sentidos em comum.

3. **Relação de inclusão** (subconjuntos) ou **Relação de oposição inclusiva**

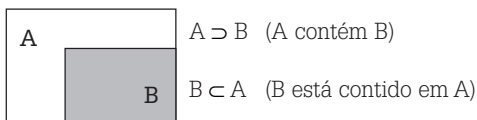


Figura 3 – Representação de unidades lexicais, de duas línguas distintas (A e B), cujos sentidos de B estão contidos A

4. **Disjunção entre conjuntos** ou **Relação de oposição disjuntiva**

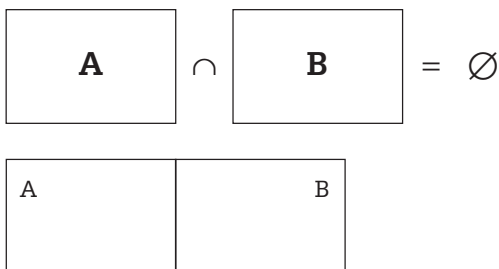


Figura 4 – Representação de unidades lexicais, de duas línguas distintas (A e B), que não possuem sentido em comum

Como o objeto de nossa investigação são as unidades lexicais da língua portuguesa que possuem pelo menos um sentido diferente daqueles apresentados pelo item lexical que é seu “par” semelhante na língua inglesa, descartamos, desde o princípio, o primeiro tipo de relação entre os conjuntos, citada há pouco, que é a **relação de oposição de identidade**. Isso porque nela se encaixariam todos os vocábulos **verdadeiramente cognatos** entre duas línguas. Assim sendo, os outros três tipos de relação de oposição entre conjuntos são os que verdadeiramente nos interessam, ou seja: relação de oposição transitiva; relação de oposição inclusiva e relação de oposição disjuntiva.

No que se refere à **relação de oposição transitiva**, faremos, a seguir, algumas considerações.

Para que compreendamos o tipo de relação lingüística que se estabelece entre um dado conjunto A e um dado conjunto B, entendamos por conjunto A uma unidade lexical da língua portuguesa que é igual ou semelhante, no plano da expressão, a uma outra unidade lexical – desta vez pertencente à língua inglesa –, mas que diferem, entre si, quanto aos sentidos que cada uma delas possui. Desse modo, todos os sentidos que figuram apenas no conjunto A seriam os sentidos que a unidade lexical da língua portuguesa possui e que diferem daqueles que a unidade lexical semelhante, pertencente à língua inglesa, apresenta. O mesmo é válido para os sentidos que aparecem registrados apenas no conjunto B, quer dizer, seriam os sentidos que a unidade lexical da língua inglesa possui e que diferem daqueles que a unidade lexical semelhante, pertencente à língua portuguesa, apresenta. Nessa perspectiva, chamamos as áreas dos conjuntos A e B que não estão em intersecção, de conjuntos-diferença. Por outro lado, na área de intersecção entre os conjuntos A e B estariam os elementos comuns aos dois conjuntos, ou seja, as acepções iguais ou semelhantes que ambas as unidades lexicais apresentam, cada qual em sua língua. Assim sendo, chamamos essa área de intersecção entre os conjuntos A e B de conjunto-intersecção. Poderíamos, grosso modo, listar alguns pares de unidades lexicais que se enquadrariam neste tipo de relação. São elas: *atender # to attend*, *entender # to intend*, *entrar # to enter* e *pretender # to pretend*.⁵ Ex:

⁵ As informações contidas nas figuras 5, 6 e 7 foram extraídas do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e dos dicionários de Língua Inglesa das editoras Cambridge e Oxford, constantes da bibliografia.

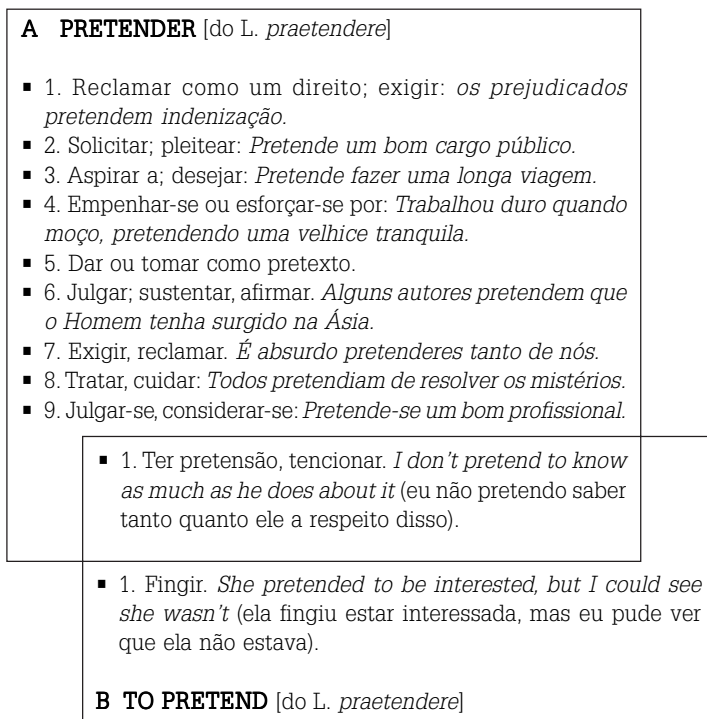


Figura 5 – Ilustração das relações de sentido entre as unidades lexicais **pretender** (português) e **to pretend** (inglês). A área em intersecção representa os sentidos que ambos os verbos possuem em comum.

No que diz respeito ao segundo tipo de relação que nos interessa, a **relação de oposição inclusiva**, verificamos que se trata daquelas unidades lexicais cujos planos da expressão (significantes) são idênticos ou semelhantes nas duas línguas, mas cujos planos do conteúdo (significados) são mais abrangentes na unidade lexical de uma delas e mais restritos na da outra. Contrastando a língua portuguesa com a inglesa, reconhecemos pares de unidades lexicais como **balcão** # *balcony*, **bravo** # *bravo*, dentre muitos outros. Abaixo descrevemos os lexemas **balcão** (Port.) # *balcony* (Ingl.), para exemplificar esse tipo de relação.

<p>A BALCÃO [do Al. <i>balko</i>, pelo It. <i>balcone</i>]</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ 1. Móvel da altura de uma mesa ou pouco mais alto, empregado em lojas, repartições ou outros estabelecimentos, para atendimento do público ou da clientela e que eventualmente serve para expor mercadorias. 	<p>B BALCONY [do Fr. Balcon, It. Balcone]</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ 1. Varanda ou sacada, guarnecida, em geral, de muro ou grade e peitoril. ▪ 2. (Teatr.) Localidade da platéia situada entre os camarotes e as galerias.
--	--

Figura 6 – Ilustração das relações de sentido entre **balcão** (português) e **balcony** (inglês). A área de **balcão** (A) contempla os sentidos comuns apresentados em **balcony** (B) e mais um sentido só seu.

Por fim, no que se refere à relação de disjunção (oposição disjuntiva), dizemos que duas unidades lexicais que se enquadrem nesse tipo de relação estão ligadas apenas pela semelhança no plano da expressão, não possuindo, portanto, nenhum sentido em comum. A figura 4, apresentada anteriormente, elucidada bem esse fenômeno. Nela, o traço em negrito que divide o conjunto A do B, seria o único elemento que os dois conjuntos têm em comum, elemento que, como já dissemos, é representado pela semelhança entre as unidades lexicais apenas no plano da expressão. Exemplos de pares de lexemas dessa natureza são: *cute # cute, balde # bald, polícia # policy, pular # to pull e mistura # moisture*. Vejamos:

A. CUTE (Port.) [do L. <i>cute</i>]	B. CUTE (Ingl.) [do L. <i>acutus</i>]
Var. <i>cútis</i> (s.) <ul style="list-style-type: none"> ▪ 1. A pele humana, a pele do rosto. ▪ 2. Epiderme, tez. 	(adj.) <ul style="list-style-type: none"> ▪ 1. Charmoso e atraente (esp. Algo ou alguém pequeno ou jovem). ▪ 2. Esperto, astuto, sagaz.

Figura 7 – Ilustração das relações de sentido entre duas unidades lexicais que não apresentam sentido em comum.

Em resumo, concluímos que as unidades lexicais que se enquadram nos dois primeiros tipos de relação abordadas, quer dizer, a de **oposição transitiva** e a de **oposição inclusiva**, caracterizam os **cognatos enganosos** de uma língua em relação à outra. Isso se deve ao fato de serem provenientes de um mesmo étimo, mas que ao longo do tempo sofreram mudanças de sentidos. Por outro lado, aquelas que mantêm uma relação de **oposição disjuntiva**, ou seja, que estão ligadas apenas pela semelhança no plano da expressão, não possuindo, portanto, nenhum sentido em comum, caracterizam os **falsos cognatos**.

Com relação aos **cognatos enganosos**, em alguns pares de lexemas as mudanças de sentidos podem ser de tal dimensão, que um consulente desavisado facilmente os confundiria com vocábulos **falsos cognatos**, já que a única forma de evidenciar que são cognatos verdadeiros (e portanto originários de um mesmo étimo), seria por meio de consulta a um dicionário etimológico. Como exemplo, poderíamos citar os pares fábrica # fabric e esperto # expert, que, apesar de serem provenientes de um mesmo étimo, não mais possuem sentidos afins.

Assim sendo, acreditamos que esses subsídios fornecidos pela Teoria dos Conjuntos Matemáticos possam contribuir não só para uma melhor identificação dos **falsos cognatos** e **cognatos enganosos**, em diversas línguas estrangeiras, como também para a sua classificação quanto ao tipo de relação que desempenham, em contraste com uma outra língua.

SABINO, M. A. False cognates, false friends or deceptive cognates? Eliminating theoretical confusion through practice. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.2, p.251-263, 2006.

- *ABSTRACT: The aim of this study is firstly to present a discussion concerning the terms "false cognates", "false friends" and "deceptive cognates". Secondly, having concluded that the terms "false cognates" and "deceptive cognates" refer to two different linguistic phenomena, we propose distinct definitions for each, illustrating these with practical examples, based on Set Theory.*
- *KEYWORDS: False cognates; false friends; deceptive cognates; bilingual dictionaries; translation.*

Referências Bibliográficas

CAMBRIDGE international dictionary of English. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CAMPENHOUDT, M. V. Mille faux-amis en langue française: table de confusions. Bruxelles: Institut Supérieur de Traducteurs et Interprètes (ISTI), 19--. Disponível em: <<http://www.termisti.refer.org/faintro.htm>>. Acesso em: 17 maio 2000.

DOWNES, L. S. *Palavras amigas-da-onça: a vocabulary of false friends in English and Portuguese*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. 4. ed. Rio de Janeiro: Delta; Seifer, 1999.

- MASCHERPE, M.; ZAMARIN, L. *Os falsos cognatos na tradução do inglês para o português*. São Paulo: Difel, 1980.
- NASCENTES, A. Léxico de nomenclatura gramatical brasileira. In: SANTOS, A. S. *Guia prático de tradução inglesa*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1981.
- OXFORD advanced learner's encyclopedic dictionary. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- PAIS, C. T. *Introdução à fonologia*. São Paulo: Plêiade, 2001.
- PRADO, M. Falsos amigos en lexicografía bilingüe. *Hispania*, v.72, p.721-27, 1989.
- RÓNAI, P. *Guia prático da tradução francesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SANTOS, A. S. *Guia prático de tradução inglesa*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1981.
- XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. A. L. *Dicionário de falsos cognatos francês-português e português-francês*. São Paulo: Schimidt, 1995.

Bibliografia Consultada

- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *Alfa*, São Paulo, v.28, p.1-26, 1984. Suplemento.
- HOYOS, B. L. F. *Dicionário de falsos amigos: do espanhol e do português*. São Paulo: Página Aberta; Consejería de Educación da Embajada de España, 1992.
- LEIVA, M. J. S. *Falsos cognatos em português e espanhol*. 1994. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- MIRANDA, F. B. Sobre algunos tipos de falsos cognados. *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, São Paulo, v.8, p.21-27, 1998.

